

Os cadernos de Marina Tsvetáieva

*Aurora Bernardini*¹

RESUMO

Nos *Cadernos* de Marina Tsvetáieva, tanto os reunidos por Tzvetan Todorov e publicados no Brasil em *Vivendo sob o fogo – confissões* (2008), quanto o *Cahier Rouge*, apresentado por Georges Nivat (2011), são salientados e exemplificados alguns temas fundamentais para a poeta, ao longo de sua vida, como o Amor, a Morte, a Criação e a Tradução Literária.

Palavras-chave: *Marina Tsvetáieva; Vivendo sob o fogo – confissões; Le Cahier Rouge*

ABSTRACT

Both in Marina Tsvetaeva's *Vivre dans le feu- confessions*, edited By Tzvetan Todorov (Brazilian translation *Vivendo sob o fogo -confissões* - 2008) e and *le Cahier rouge*, presented by Georges Nivat (2011), fundamental themes as Love, Death, Creation, and Literary Translation are stressed and exemplified.

Keywords: *Marina Tsvetaeva; Vivendo sob o Fogo – confissões; Le Cahier Rouge*

¹ Professora titular do DLO-FFLCH da Universidade de São Paulo

No prefácio a *Vivendo sob o fogo – Confissões* (doravante VF), seleção dos *Cadernos* da poeta e escritora russa Marina Tsvetáieva (1892-1941), o crítico Tzvetan Todorov prepara o leitor para a apaixonante travessia de uma vida inteira, de uma vida em chamas, pois Marina a viveu em todos os seus momentos – da infância ao suicídio – com o máximo de intensidade, sempre à procura da apreensão do absoluto, no êxtase e na dor, sem nunca fazer concessões, mesmo nos momentos mais trágicos de sua existência.

Suas cartas-confissões e seus diários, escritos e reescritos nos *Cadernos* como se fossem poemas, muito íntimos, muito vivos, atravessam os períodos mais conturbados de nossa história contemporânea: a primeira e a segunda grande guerra, a Revolução Russa, o stalinismo, a invasão nazista, e os diferentes fenômenos que os acompanharam: o desemprego, a fome, as delações, as execuções.

“Somos o que a vida nos faz” é uma das frases que se encontra nesses “Cadernos” ciosamente guardados para serem resgatados depois de sua morte; no entanto, o “fazer” da vida, geralmente a despeito da pessoa, se transforma

nela em violentos embates travados entre esse fazer e seus princípios, aos quais será fiel a ponto de chegar a pagar com a própria vida. “Foi um espírito viril – disse dela Pasternak –, álcere, decidido, batalhador, indomável. Na vida e na arte aspirou sempre, impetuosamente, avidamente, com garra extrema, ao refinamento, à perfeição. Perseguido-os, atirou-se muito à frente, superou a todos.” (PASTERNAK, 1991, p. 250).

“E no entanto” – escreveu ela, em diferentes ocasiões – “bastava tão pouco para eu ser feliz!”

Os capítulos do livro que enfeixam suas cartas e partes de seus diários, em ordem temática e cronológica, permitem que o leitor acompanhe – como dissemos – sua vida e, principalmente, suas reflexões sobre ela.

Nascida na virada do século em Moscou, em uma família privilegiada – o pai, filólogo e museólogo, a mãe, musicista, a avô rica proprietária de uma herdade principesca onde a jovem Marina e sua irmã Ássia passavam férias escolares – Marina dedica-se desde cedo, estimulada pelo ambiente propício, à leitura, à música e à poesia, criando um mundo interior muito rico e muito curioso, cheio de anseios de grandeza e de figuras românticas. Órfã de mãe desde muito cedo, quando ainda ginásiana teve ocasião de acompanhá-la à Itália (Nervi) e à Alemanha (Floresta Negra) repetidamente, nas insistentes tentativas de debelar o mal (tuberculose). Com isso, seus estudos e seus contatos (inclusive com revolucionários no exílio) foram mais ricos e variados do que os das jovens russas de sua idade e permitiram-lhe um amadurecimento incomum. Após a morte da mãe, o pai idoso, praticamente emancipou as duas filhas (era casado em segundas núpcias) e ela, com 16 anos, foi sozinha visitar a Paris de seus sonhos, cuja lembrança conservará de forma indelével. Não só, mas logo depois publicará, às suas expensas, um pequeno volume de versos, *Álbum da tarde*, que, descoberto pelos críticos da capital russa, a tornaria famosa da noite para o dia, e personagem aceita de bom grado nos salões da *intelliguêntsia*. Na estância de um desses críticos (Max Volóchin), na Criméia, conhece Serguei Efron, de um ano mais jovem do que ela e, antes dos vinte anos, casa-se com ele. Menos de um ano depois (1912), nasce sua filha Ália e ela publica, com o mesmo êxito, sua segunda coletânea de versos *Lanterna mágica*.

O amor e o *Cahier Rouge*

Essa vida plena e idílica começará a ser embaçada por alguns acontecimentos fundamentais. Primeiro: o conceito que Marina tinha amadurecido do que seria para ela o “Amor” e o que seria o “Romantismo”. O amor, terá ocasião de repetir durante a vida inteira, é o sentimento que a liga ao marido e aos filhos (além de Ália, ela terá mais um casal), ou seja, o sentimento de ser essencialmente necessária, imprescindível aos seres

amados, e o resto seria romantismo. Só que, obviamente, a questão se torna muito mais complexa. Esse mesmo sentimento de necessidade/doação ela o sentirá em relação a muitos outros seres, homens e mulheres, que constelarão sua vida e que inspirarão seus versos. Primeiro entre eles, em 1914, é o irmão do próprio marido, a quem ela visita no hospital, onde ele morre, pouco depois. A segunda é uma mulher, Sonia Parnock, com a qual ela mora algum tempo, após o marido ter ido ao front como enfermeiro do Exército Russo, na guerra de 1915. Essas paixões/inspirações (a única que se concretizou e quase a levou ao divórcio ocorreu na Tchecoslováquia e inspirou-lhe os dois poemas longos mais valiosos: “Poema da Montanha” e “Poema do fim”) serão objeto de inúmeras cartas – algumas delas memoráveis – e continuarão quase até o fim de sua vida. Claro que o marido, cujo perfil emerge nas entrelinhas dos escritos de Marina, havia de ressentir-se por essas “ênfatuções”: muitas das atitudes de Efron são extremadas, quando não temerárias, e talvez tenham sido tomadas para se valorizar aos olhos da mulher e, quem sabe (provavelmente), tenham colocado sua vida e sua saúde em risco também como reação a elas.

Há uma série de outras considerações sobre a questão do amor em Marina, obtidas a partir do *Cahier Rouge*, (doravante CR) o caderno-diário que ela havia deixado na França aos cuidados de um amigo (e que foi encontrado e publicado na França, em 2011, em edição bilíngue, francês-russa, com tradução de Caroline Bérenger e Véronique Lossy e apresentação de Georges Nivat). Vale fazer menção a uma carta que o marido de Marina, Serguei Efron, escreveu ao amigo, o poeta Max Volóchin, em 1923, em que ele explica que “Marina, poeta do fogo, precisa de lenha para alimentar a paixão que serve de fonte à sua inspiração e de motor à sua criação poética”. E acrescenta, com realismo, que “a qualidade dessa lenha pouco importa” (CR, 2011, p. 94).

Isso pode ser verificado no depoimento do próprio Konstantin Rozdiévitch, o amante de Marina na Tchecoslováquia:

Marina Tsvetáieva correspondia-se com numerosos escritores, na época. E eu, o que poderia [fazer] por ela? Não podia fazer nada para ajudá-la [...] suas cartas eram antes a necessidade de se exprimir. Mas eu era frágil. Ela me arrastava para alturas que eu não podia atingir. Eu precisava de uma vida mais simples[...]. O amor recíproco entre nós fora um verdadeiro *coup de foudre*. Se explicava por nossa juventude, nosso amor pela vida. Nossa ligação durou dois anos, em Praga. [...] Quando repenso a isso tudo, me digo que nem sempre era digno dessa relação com Marina. Agora vejo as coisas de maneira diferente, mas, na época, se tratava de um superficial. Eu procurava a estabilidade e ela, uma

Mas aqui está a versão que dá Marina Tsvetáieva desse relacionamento:

“Segure-me bem forte, não me solte, não me mande de volta para a vida. Antes, puxe-me para a morte. Você é o único que me quis toda inteira, que me disse que o amor existia. É assim que Deus aparece na vida das mulheres. O que me assusta (e me entusiasma) – é a intransigência de seu amor [...] Agora, deixando de lado por um instante o fato de eu ser mulher, vou lhe dizer o que é a vida de um poeta: o alto são os amigos, o baixo são as paixões, com essa única diferença: eu levava para o baixo toda minha altura, daí, a tragédia. Minha alma sempre foi um impasse para mim.”(CR, *idem, ibidem*).

Konstantin e Marina terminaram juntos seu relacionamento: ele, para casar-se com Maria Bulgáкова, ela, diante da dependência afetiva do marido.

O ressentimento pelo fim foi estilizado pela poeta num de seus poemas longos mais celebrados: o *Poema da montanha*. A montanha era o lugar que acolhia os dois enamorados e que agora, com as suas criaturas, se vingava aos “ultimatos” dos “maridos e esposas”, sempre de forma direta, como é o hábito de Marina:

...

Виноградники заворочались,
Лаву ненависти струя.
Будут девками ваши дочери
И поэтами — сыновья!

Avergaram-se as videiras
E a lava de ódio correu.
Que suas filhas sejam rameiras
E poetas – os filhos seus!

Já em relação a Pasternak, a questão do amor é mais sutil, conforme pode-se ver pelo depoimento da própria Marina, logo após o nascimento do filho Mur, em carta a Boris Pasternak, datada de 14 de fevereiro de 1925 (VF, 2008, p. 367): “Boris, você se lembra de Lilith? Boris, então não havia ninguém antes de Adão? Sua saudade de mim – a saudade de Adão por Lilith, a que veio *antes* da primeira. A primeira que *não conta* (daí minha completa aversão por Eva!)”

Em seguida, ela acrescenta, em 10 de julho de 1926:

Compreenda-me bem: é o ódio insaciável, eterno de Psiquê por Eva, da qual nada tenho. Mas de Psiquê – tenho tudo. Trocar Psiquê por Eva! Compreenda o grau inatingível de meu desprezo. (Não se troca Psiquê por Eva.) A alma pelo corpo. Perdem-se a *minha* e o *dela*. Você já está condenado, não compreendo... retire-me. [...]

Minha estrada é outra, Boris, é uma estrada que flui quase como um rio, Boris, sem pessoas, com os fins dos fins, com a infância, com tudo, menos os homens. Não olho para eles, nunca, simplesmente, não os vejo. Não lhes agrado, eles têm faro. Não agrado ao *sexo*. Deixa que eu perca algo a seus olhos: sentiram-se atraídos por mim, quase nunca me amaram. Imagine – nenhuma bala na testa.

Dar-se um tiro por causa de Psiquê! Pois ela nunca existiu! (É uma forma particular de imortalidade). (VF, 2008, p. 368)

Aqui está a conclusão abrangente de uma das tradutoras do CR, Caroline Bérenger:

...uma outra tendência de sua criação consiste em se alimentar do sentimento amoroso em todas as suas formas, pouco importando a natureza e a qualidade do combustível, o essencial é que ele queime. Nesse sentido, o eros de Tsvetáieva é um objeto difícil de analisar. Sem dúvida, ele se inscreve num período de grande liberdade de costumes, em que todas as formas de amor eram possíveis, mas o que torna esse eros impressionante é que ele seja expresso de maneira tão direta. Basta para tanto ler-se os fragmentos de *Noites florentinas* que permitem adivinhar todo o erotismo fantasmático e onírico da relação, a Carta à amazona, que revive a paixão amorosa intensa por Sofia Parnok, o Julgamento póstumo e a repetição incessante, como se se tratasse de uma ladinha, do verbo gozar e da palavra gozo.[...] Por sinal, não é do amor sáfico que ela fala e que não deixa de ser uma evidência para ela, mas da questão delicada maternidade para um casal de lésbicas...aniquilada pela natureza que torna impossível a concepção de uma criança...Ao mesmo tempo não é do gozo que ela fala, em todas as suas formas, mas de sua ligação com a morte; nem é de uma paixão adúltera, mas de uma relação carnal que é, antes de qualquer outra coisa, o desnudamento de uma alma.[...]

Finalmente, em Tsvetáieva, o eros se encontra numa proximidade imediata com o ato de escrever, como se o amor físico e a palavra, a abstração e a sensualidade fossem as faces de uma única moeda. É disso que vem sua intensidade. (CR, 2011, p. 185-186)

Outros acontecimentos

Um acontecimento fundamental em sua vida: a Revolução Russa (à qual nunca aderiu, mas que, também, nunca agrediu, antes do stalinismo), responsável pelo engajamento do marido no Exército Branco e, direta ou indiretamente, pela morte da segunda filha, por inanição. A reunião de seus escritos que compõem o capítulo de *Vivendo sob o fogo - confissões* “A morte de Irina” (VF, 2008, p. 137-185) está entre as coisas mais pungentes que jamais se escreveram sobre a morte de um filho.

Uma nova etapa na vida de Tsvetáieva: sua partida da URSS, em 1922, com a filha Ália, para o estrangeiro. Primeiro a Alemanha, depois a Tchecoslováquia, onde se reúne (e reconcilia) com o marido egresso das fileiras do derrotado Exército Branco e, na época, bolsista do governo tcheco para terminar seus estudos filosóficos.

Outro acontecimento: o nascimento do filho Mur (o apelido veio-lhe do nome de um gato de um conto de Hoffmann) e, depois, os quatorze anos de França, com suas lutas para conseguir “colocar” seus escritos nas diversas revistas e jornais da emigração; o sucesso, no começo, mas a miséria e a falta de perspectiva, depois (são os anos da depressão e do desemprego mundiais). Em parte, essa absoluta precariedade – só aliviada no fim de sua estada na França, sem ela o saber claramente, pelo engajamento secreto do marido no serviço de inteligência soviético –, foi devida também ao caráter irredutível das convicções de Tsvetáieva. Veja-se o seguinte caso, crucial, por sinal. Uma vez que ela, além do russo, devido à ascendência materna conhecia perfeitamente o idioma alemão em todas as suas sutilezas (não por nada suas cartas nessa língua conquistaram o poeta Rainer Maria Rilke – a quem ela conheceu por intermédio de Boris Pasternak – a ponto de ele lhe dedicar sua última elegia (VF, 2008, p. 366), nada de mais natural do que se esperar que ela aceitasse as propostas de tradução nessa língua. Elas foram-lhe repetidamente feitas pelo governo soviético, antes e depois de ela voltar à URSS, em 1939, com o filho adolescente, seguindo os passos do marido Serguei e da filha Ália que a haviam precedido, imbuídos que estavam do desejo de serem úteis à sua pátria.

Nem num caso, nem no outro (por tratar-se de traduções de ordem política – acredita-se), ela não quis “trair” a terra de sua mãe.

Sobre tradução literária

Há, a esse respeito, um capítulo de suas confissões, “Escrever em francês”, em que ela se dirige a André Gide (26/01/1937) e, numa surpreendente aula de tradução literária, explica-lhe, frase por frase, como ela verteu para o

francês um poema de Púchkin. “O que mais quis foi acompanhar Púchkin o mais de perto possível, sem ser servil, o que ter-me-ia infalivelmente colocado *atrás* do texto do poeta” (VF, 2008, p. 492-497). Como era de se esperar dos críticos de revistas de então – no caso, a N.R.F – suas traduções de Púchkin foram recusadas por não darem a idéia de Puchkin como *poeta genial*, mas serem um amontoado de lugares comuns. Assim, diz ela, teria gostado de responder:

Senhor Paulhan, o que o senhor toma por lugares comuns são as *idéias gerais* e os sentimentos gerais da época, dos anos 1830, no mundo inteiro: Byron, V. Hugo, Heine, Púchkin etc. Aleksandr Púchkin, morto há exatamente cem anos, não poderia escrever como Paul Valéry ou Boris Pasternak. Leia de novo *seus* poetas de 1830 e dê-me notícias. Se eu tivesse feito um Púchkin 1930 o senhor o teria aceito, mas eu o teria traído. (VF, 2008. p. 505)

Ou ainda, escreve ela em 1931:

Traduções? Devem se dedicar à tradução aqueles que não escrevem coisas próprias? ou então: (na minha opinião) traduzir *aqui-lo* que eu prefiro. *Rilke*? De acordo. Orgulho? De acordo, também. Na pobreza extrema, no cuspe dos outros há o sentimento do sagrado. Se há algo que me manteve na superfície *desse pântano* foi apenas ele e só a ele vai meu cumprimento nessa terra. *O que haverá depois*? Não sei. Ninguém se parece comigo e eu não me pareço com ninguém, por isso aconselhar-me isto ou aquilo – não tem sentido. (VF, 2008, p. 527)

A postura aristocrática de Marina (o mote que ela escolhera para si – tal como fizera outra aristocrata da literatura, a baronesa Karen Blixen, vulgo Isak Dinesen – era *ne daigne*) (*não digne, não seja condescendente*), nada tem de afetado. Suas cartas estão cheias de um frescor “matinal”, mesmo quando, de volta à URSS, tem que passar pelas situações terríveis de ver o marido e a filha acusados injustamente e presos pela polícia política e ter que procurar onde sobreviver com o filho, numa Moscou às vésperas da invasão nazista. Só quando ela e o filho Mur são evacuados para a república tártara de Elábuga (1941) e a ela é negado qualquer meio de subsistência enquanto o filho, ainda não maior de idade, quer dela se desprender, ela entende que a missão que se havia dado terminou. Assim, como profetizara em 1924, em seu poema “À Vida”, que Haroldo de Campos traduziu: “Colhido em pleno disparo, / Curva o pescoço o cavalo/Árabe - /E abre a veia da vida.” (Campos: 1968, p. 140)

Referências

CAMPOS, Haroldo de et alii. “A Vida” em *Poesia Russa Moderna* (org. e trad. de Boris Schnaiderman, Augusto e Haroldo de Campos – São Paulo: Civilização Brasileira, 1968.

PASTERNAK, Boris. *Liúdi i polojênia* (*Pessoas e situações*), Sobránie Sotchiniênii, T. IV. Moscou: Khudójestvennaia Literatura, 1991.

TSVETÁIEVA Marina. *Vivendo sob o fogo – confissões - (VF)* – Tradução do russo e do francês e notas: Aurora Fornoni Bernardini. Seleção, Organização e Prefácio: Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Martins Fontes, 2008.

TSVETAEVA Marina. *Le Cahier Rouge (CR)* – edição bilíngue russo-francesa. Tradução e Notas: Caroline Bérenger e Véronique Lossy. Apresentação: Georges Nivat. Paris: Éditions Syrtes, 2011.

TSVETAEVA Marina. *Sobránie Sotchiniênii* (Poesia Reunida). 7 vols. Moscou: Ellis Luck, 1994-1995.

TSVETAEVA Marina .“Poema gory: https://ru.wikisource.org/i/%D0%9F%D0%BE%D1%8D%D0%BC%D0%B0_%D0%93%D0%BE%D1%80%D1%8B_%D0%A6%D0%B2%D0%B5%D1%82%D0%B0%D0%B5%D0%B2%D0%B0)